

TRABALHANDO COM O CONTO NO TÉCNICO CONCOMITANTE

GUIA PEDAGÓGICO

LYANA CARLA CABRAL P. P. AGUIAR
THIAGO SOARES DE OLIVEIRA

TRABALHANDO COM O CONTO NO TÉCNICO CONCOMITANTE

GUIA PEDAGÓGICO

1ª EDIÇÃO

**LYANA CARLA CABRAL P. P. AGUIAR
THIAGO SOARES DE OLIVEIRA**



2019

Campos dos Goytacazes

TRABALHANDO COM O CONTO NO TÉCNICO CONCOMITANTE GUIA PEDAGÓGICO

Copyright © 2019 • IFF Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFF.

EXPEDIENTE TÉCNICO

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT

REVISÃO DE TEXTO – ANA PAULA FERNANDES KLEM

ILUSTRAÇÃO- FAGNER MATHIAS FLORENTINO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

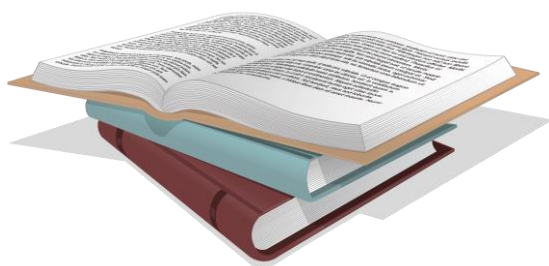
A282t	Aguiar, Lyana Carla Cabral Pacheco Pinto, 1988-. Trabalhando com o Conto no Técnico Concomitante: guia pedagógico / Lyana Carla Cabral Pacheco Pinto Aguiar, Thiago Soares de Oliveira. – Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto Federal Fluminense, 2019. 29 p.: il. color.	
	Guia pedagógico proveniente da Dissertação intitulada Ensino de português instrumental a partir de conto: uma proposta de formação discente para curso técnico concomitante (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Campos dos Goytacazes, RJ, 2019. Referências: p. 23.	
	1. Conto - Manuais, guias, etc. 2. Teoria e Prática Pedagógica. 3. Negrinha (Conto). 4. Ensino profissional - Estudo e ensino. 5. Língua portuguesa (Ensino Médio) - Estudo e ensino. 6. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (Campus Bom Jesus do Itabapoana). I. Oliveira, Thiago Soares de, 1986-. II. Título.	
CDD	469.078	23.ed.

Bibliotecário-Documentalista | Henrique Barreiros Alves | CRB-7/ 6326

Lyana Carla Cabral P. P. Aguiar
(lyanacarla@gmail.com)

Dr. Thiago Soares de Oliveira (Orientador)
(so.thiago@hotmail.com)

[2019] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) Rua Coronel Walter Kramer, 357 - Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes, RJ - CEP 28080-565 Tel: (22) 2737-5624. Impresso no Brasil



APRESENTAÇÃO

Os cursos técnicos profissionalizantes têm a tradição de formar para o mundo do trabalho, no entanto essa formação não deve ser exclusivamente direcionada para um “fazer sem saber”, como assinala Martins (2000). É necessário oferecer aos discentes uma educação que não seja meramente utilitarista. Assim, ter uma nova perspectiva na forma de se repassar parte dos conteúdos previstos na ementa de Português Instrumental nos técnicos concomitantes se faz relevante.

O Guia Pedagógico – Trabalhando com o conto no técnico concomitante – é produto da dissertação de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT –, intitulada Ensino de Português Instrumental a partir de conto: uma proposta de formação discente para curso técnico concomitante.

A proposta de ensino aqui apresentada foi aplicada em uma turma do 1º módulo do curso técnico concomitante em Meio Ambiente do IFFluminense, *campus* Bom Jesus do Itabapoana e teve como objetivo geral compreender como a inserção do conto na disciplina de Português Instrumental no referido curso técnico pode funcionar como recurso didático pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.

O guia está organizado da seguinte forma: a introdução “Prólogo”; a fundamentação teórica, dividida em duas partes: Formação Integral e A disciplina Língua Portuguesa; a apresentação da “Sequência didática” e o detalhamento de cada etapa: “Aula 1”, “Aula 2”, “Aula 3”, “Aula 4”, “Aula 5”, “Aula 6”. Encerra com as considerações finais, o Apêndice, com o banco de sugestão de textos literários, e o Anexo.

O objetivo é que este guia – produto educacional da dissertação de mestrado – seja uma inspiração para docentes da área de linguagens e código, principalmente.

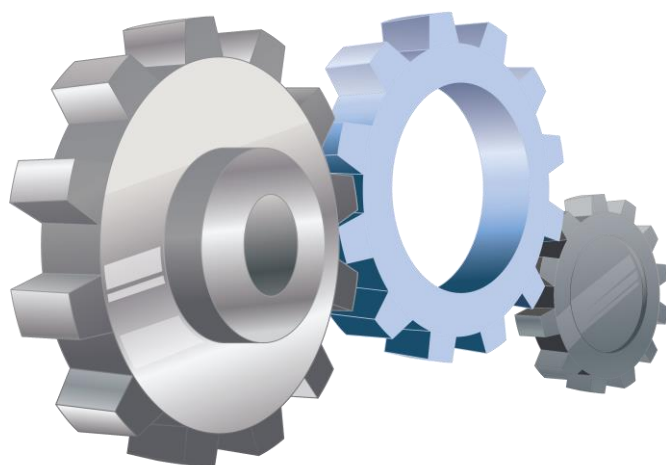
SUMÁRIO

PRÓLOGO	05
FORMAÇÃO INTEGRAL	07
A DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA.....	09
SEQUÊNCIA DIDÁTICA	11
Aula 1	13
Aula 2	14
Aula 3	17
Aula 4	18
Aula 5	19
Aula 6	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE	24
Banco de sugestão de textos literários	
ANEXO	25
Negrinha	

PRÓLOGO

A qualificação por meio dos cursos de caráter técnico consolidou-se com disciplinas de natureza mecânica e manual. Dessa forma, componentes curriculares considerados de natureza intelectual permaneceram a cargo da Educação básica. Apesar de vários esforços para romper com a dualidade educacional¹ existente no país, os filhos das classes mais abastadas tiveram na Educação básica a oportunidade de estudar para integrar o mundo universitário e ocupar cargos de comando; enquanto os filhos dos trabalhadores tiveram na Educação profissional a oportunidade de serem absorvidos rapidamente pelo mercado de trabalho, executando tarefas de maneira automatizada, consolidando uma prática supostamente não refletida.

De acordo com Saviani (2007), duas foram as modalidades de Educação surgidas a partir do escravismo antigo – uma para a classe proprietária e outra para a classe não proprietária –, e essas modalidades encontram, hoje, refúgio na distinta matriz curricular da Educação básica e da EPT. Enquanto aquela abarca disciplinas que estimulam o saber cultural, a reflexão, a arte, a análise crítica da realidade, aspectos contemplados na Educação dos homens livres de outrora; esta, por sua vez, preocupa-se em conter disciplinas que ajudem a



formar bons profissionais para o labor manual, assim como a antiga educação dos escravos e serviçais. As instituições escolares deveriam preparar cidadãos para “compreender, julgar e intervir em sua comunidade, de uma forma responsável, justa, solidária e democrática” (SANTOMÉ, 1998, p. 14); a escola, porém, tem sido vista como uma “empresa” que atende aos interesses do mercado produtivo, como se ela tivesse a obrigação de ensinar somente aquilo que o aluno precisará para ser absorvido pelo mercado de trabalho.

A disparidade entre a EPT e a Educação básica permanece principalmente na forma do técnico concomitante, tendo em vista a permanência de um currículo quase que exclusivamente tecnicista². A partir da análise feita dos projetos pedagógicos dos cursos (PPC) técnicos concomitantes ofertados pelo IFFluminense, constatou-se que há o Português⁴ em somente 11 (onze)³ dos 25 (vinte e cinco)

1 –A dualidade educacional consiste na separação do trabalho intelectual (que fica mais a cargo da Educação básica) do trabalho manual (que fica mais a cargo da EPT).

2 – Os currículos tecnicistas seguem uma abordagem empirista mecanicista, “centrados na fragmentação disciplinar e na abordagem transmissiva de conteúdos” (RAMOS, 2008, p. 19).

3 – Agropecuária, Alimentos, Informática e Meio Ambiente do *campus* Bom Jesus do Itabapoana; Agropecuária, do *campus* Cambuci; Mecânica, do *campus* Itaperuna; Eventos, Química e Eletromecânica, do *campus* Cabo Frio; Automação Industrial e Edificações, do *campus* Santo Antônio de Pádua.

4 – Agropecuária, Alimentos, Informática e Meio Ambiente do *campus* Bom Jesus do Itabapoana; Agropecuária, do *campus* Cambuci; Automação Industrial, Edificações, Eletrotécnica, Estradas, Informática, Mecânica, Química e Telecomunicações, do *campus* Campos Centro; Eventos, Química, Eletromecânica e Cozinha, do *campus* Cabo Frio; Eletrotécnica, Mecânica e Química, do *campus* Itaperuna; Mecânica, do *campus* Cordeiro; Eletromecânica, do *campus* Quissamã; Eletromecânica, do *campus* São João da Barra; Automação Industrial e Edificações, do *campus* Santo Antônio de Pádua.

disponíveis; ou seja, somente em 44% dos cursos técnicos concomitantes há essa disciplina de caráter mais humanista.

Diante dessa discrepância entre o saber e o fazer nessa modalidade de ensino, surgiu a necessidade de desenvolver uma pesquisa que culminou nesse Guia Pedagógico. A proposta da pesquisa foi inserir aspectos propedêuticos da Educação básica (como criatividade, leitura, interpretação e análise crítica da realidade), tomando como turma experimental o concomitante em Meio Ambiente, no IFFluminense *campus* Bom Jesus do Itabapoana. Como os cursos profissionalizantes têm uma intenção bem definida (qualificar para o trabalho) e uma mudança curricular demanda um lento processo, a inserção deu-se através do ensino de Português Instrumental – disciplina presente na ementa da turma experimental⁵ – a partir do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

Para uma educação que almeja reformar as relações sociais, urge integrar o saber com o fazer, e a literatura, além de cumprir esse papel,

também colabora para que o sujeito seja dono do seu próprio destino histórico, já que, ao entrar em contato com outras histórias, em algum momento, o ser humano sente empatia, o indivíduo sai de seu mundo e começa a explorar outros, observando novas culturas, novas maneiras de pensar, de agir.

Enquanto a construção de um currículo inovador, comprometido com a diversidade cultural e com a formação de cidadãos críticos, autônomos e criativos não se fizer realidade nos cursos técnicos concomitantes, a proposta de se inserir o conto nos cursos em que já existe a disciplina Português Instrumental seria uma possível e viável solução para começar a se proporcionar uma formação mais integral para essa modalidade de ensino.

Assim, este Guia Pedagógico condensa os principais pontos da sequência didática elaborada e apresenta, em uma versão simplificada, o passo a passo para se abordar a literatura em curso técnico concomitante.

Os Autores

⁵ - A expressão “turma experimental”, para efeitos deste trabalho, refere-se à turma em que foi aplicada a sequência didática proposta, não havendo um alusão direta a uma pesquisa experimental



FORMAÇÃO INTEGRAL

De forma genérica, o que ocorre no sistema escolar profissionalizante brasileiro é “a formação pelo e somente para o fazer” (MARTINS, 2000, p. 33). O aluno inserido nesse sistema recebe uma formação incompleta, tendo, como observa Martins (2000), apenas a impressão de uma ascensão social. Essa não ocorre de fato porque as circunstâncias educacionais impõem a esse indivíduo a ocupação do papel secundário em sua transformação e na transformação das condições sociais. O referido autor afirma que a qualificação do operário carece:

Da formação pelo e para o saber, uma formação cultural que lhe possibilitará decidir sobre seu destino histórico e o da sua produção, participando efetivamente das decisões que orientam a direção do coletivo social do qual participa, seria a formação do cidadão, a formação que possibilitaria coincidir governantes e governados (MARTINS, 2000, p. 33-34).

O pensamento de Martins (2000) está em afinidade com o pensamento de Zabala (1998, p. 28), o qual afirma que “educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas”. Para Zabala (1998), a formação integral impulsiona todas as capacidades e, conseqüentemente, todos os tipos de conteúdos, que o autor classifica em: conceituais (o que se deve saber), procedimentais (o que se deve saber fazer) e atitudinais (como se deve ser). Como a Educação básica está relacionada à preparação para os estudos universitários, o que predomina em seu currículo⁶ são os conteúdos de caráter conceitual; na EPT, os procedimentais, pois a intenção é ensinar aos alunos o que eles devem saber fazer.

Saber, saber fazer e ser são facetas de uma formação que combate a alienação humana e

6 - Há várias definições para o termo currículo, mas, neste trabalho, contempla-se a ideia geral de que o “currículo tem significado, entre outros, a grade curricular com disciplinas/atividades e cargas horárias, o conjunto de ementas e os programas das disciplinas/ atividades, os planos de ensino dos professores, as experiências propostas e vividas pelos alunos” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19).

visa ao desenvolvimento pleno do indivíduo. Zabala (1998), ao propor uma formação que abarque os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, defende uma educação integral.

Para visualizar um novo panorama da educação, é necessário romper com a dicotomia entre o saber e o fazer⁷, acrescentando-se ainda a ideia do ser, formando, desse modo, a tríade proposta por Zabala (1998): saber, saber fazer e ser. Essa tríade remete ao começo da educação e da própria origem do homem, pois, segundo Saviani (2007), ambas as origens são coincidentes. Saviani (2007, p. 154) esclarece que a existência humana é um produto do trabalho, que o homem não nasce homem, “ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência”. Isso significa que “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um

processo educativo” (SAVIANI, 2007, p. 154).

A preparação para uma formação integral do estudante e o desenvolvimento para uma vida social e profissional são características de uma educação que se propõe a ofertar uma formação mais completa e diminuir com a dualidade educacional existente no país.

Abordar a literatura no técnico concomitante seria uma forma viável de diminuir essa dualidade e proporcionar ao estudante uma formação mais completa. Além disso, presume-se que o benefício com a abordagem da literatura na sala de aula vai além do aguçamento da reflexão e da sensibilidade. A literatura tem um caráter humanizador, por isso é que se entende que a sociedade só tem a ganhar com profissionais gabaritados no exercício do fazer e com indivíduos que possuam um olhar mais plural para a realidade circundante.

7 - Martins se vale uma visão gramsciana em relação ao rompimento dessa dicotomia. Ele propõe os princípios da escola unitária de Gramsci (1995), que remete à intenção “da formação do homem integral, do homem capaz de tudo fazer, já que possui as condições determinadas pela formação tradicional e pela instrução científica e tecnológica” (MARTINS, 2000, p. 32).



A DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA

O Português passou a ser abordado nas escolas brasileiras, segundo a professora Magda Soares (2012), no início do século XVI com o estudo da gramática e da retórica; esta última incluía o estudo da poética. Porém, foi só a partir do século XIX, que retórica, poética e gramática passaram a ser “as disciplinas nas quais se fazia o ensino da língua portuguesa até o fim do Império; só então foram elas fundidas numa única disciplina que passou a se denominar Português” (SOARES, 2012, p. 149).

Atualmente, o ensino da retórica se transformou no ensino da redação; o ensino da poética, transformou-se no ensino da literatura e a gramática permaneceu tendo primazia no estudo da Língua Portuguesa. Apesar de essa primazia da gramática ainda hoje persistir nas aulas de Português nas escolas brasileiras (SOARES, 2012), o ensino da disciplina Língua Portuguesa é constituído de forma tríplice: gramática, redação e literatura.

Gramática



Retórica



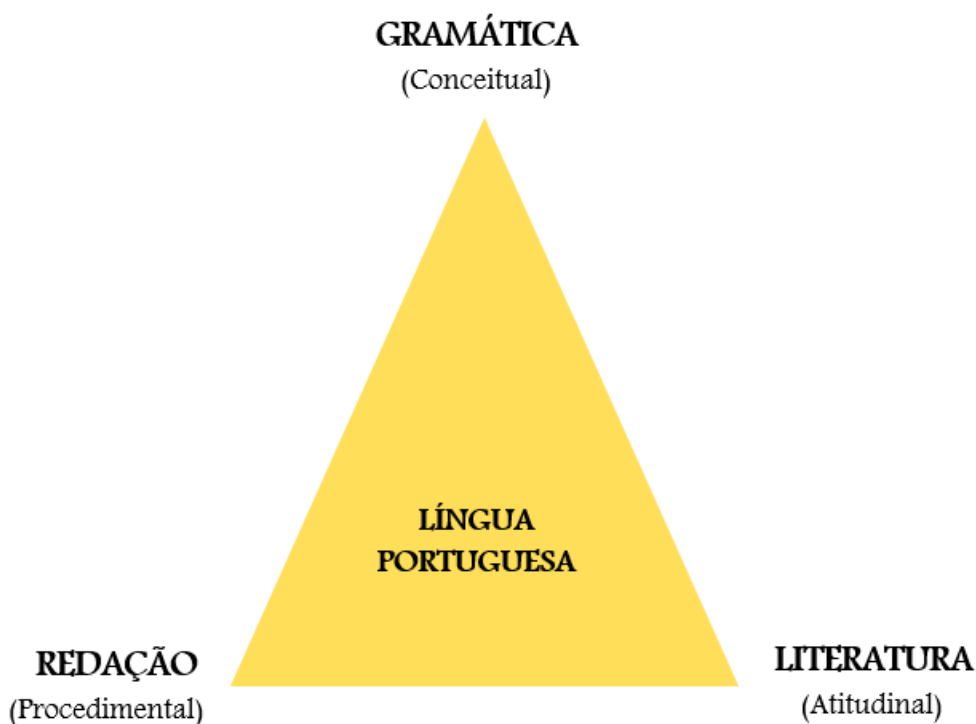
Poética



**Português
(Séc. XIX)**

De uma forma bem reducionista, à gramática normativa cabe prescrever as regras e determinar o uso considerado correto/adequado⁸ das línguas escrita e falada. À redação cabe a escrita de diferentes gêneros textuais e à literatura cabe o estudo dos textos literários e movimentações artístico-culturais. O estudo dessas três grandes áreas pode ser atrelado aos ideais de Zabala (1998): o conteúdo conceitual ficaria a cargo da gramática normativa; o conteúdo procedimental, a cargo da redação; o conteúdo atitudinal, da literatura. Assim, ao se trabalhar

em sala de aula as três áreas que constituem o ensino da Língua Portuguesa, o estudante tem a oportunidade de ter acesso ao saber, ao saber fazer e ao ser em única disciplina. Os cursos técnicos, ao estabelecerem no ensino do Português um caráter instrumental, reforçam a primazia da gramática normativa sobre as outras áreas, aleijando o ensino completo dessa disciplina e, por conseguinte, ofertando uma formação incompleta.



8 - Este guia não tem o objetivo de distinguir o uso da gramática normativa da descritiva nem suscitar discussões acerca das variedades linguísticas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Para sistematizar as atividades da SD, parte-se da afirmação de Zabala (1998, p. 18), segundo o qual as sequências didáticas são “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais”. Essa ideia vai ao encontro das afirmações de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), que definem sequência didática como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira

sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, propondo uma estrutura de SD para o ensino de gêneros nas séries fundamentais tendo por finalidade “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

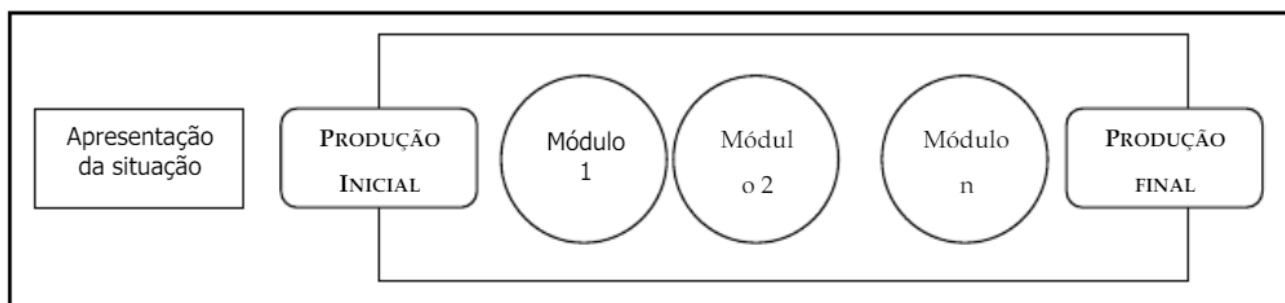


Figura 1 - Esquema da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly
Fonte: DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY (2004, p. 97)

A ideia aqui embasada nos preceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 110) é a de que as:

Sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades

dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas.

Antes da aplicação da SD, 02(duas) aulas de observação foram utilizadas para conhecer

o perfil e a realidade que a turma experimental vivenciava, além de ter sido aplicado um questionário prévio para coletar dados para pesquisa de mestrado. Para a formulação da sequência, foi observada a ementa disposta no projeto pedagógico do curso técnico concomitante em Meio Ambiente e, para a sua implementação, foi necessário 06 (seis) aulas de Português Instrumental, com duração de 50 (cinquenta) minutos cada uma. O conto “Negrinha”⁹, de Monteiro Lobato, foi a peça fundamental para a organização da SD; foi por meio desse gênero textual que foram inseridos aspectos propedêuticos da Educação básica (como leitura, interpretação e análise crítica da realidade) na EPT.

Para o desenvolvimento da SD, o material¹⁰ utilizado nas aulas foi o conto impresso, o material didático da própria disciplina de Português Instrumental, um quadro branco, alguns pincéis e 04 sacolinhas de TNT. A organização da sequência foi formulada, tendo como objetivos, os baseados na proposta de Zabala (1998):

Conceitual

Conhecer as conjunções coordenativas¹¹ e seus possíveis valores semânticos, bem como entender que a coesão sequencial e a coerência em um texto são promovidas, dentre outros elementos, pelo uso das conjunções coordenativas.

Procedimental

Exercitar a empregabilidade das conjunções coordenativas e a compreensão dos mecanismos de sentido do texto a partir da elaboração de perguntas e respostas, após a leitura e a compreensão do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

Atitudinal

Promover a reflexão da realidade social, como o racismo, a partir do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

O Quadro 1, logo abaixo, é uma síntese das atividades aplicadas na SD e nas seções seguintes há uma sistematização do processo.

Quadro 1 – Síntese das atividades da SD

AULAS	ATIVIDADES
Aula 1	- Diálogo sobre racismo; - Leitura e interpretação do conto.
Aula 2	- Discussão de outros fatores além do racismo; - Início do estudo das conjunções coordenativas; - Sistematização do conteúdo no quadro; - Envio de atividade extraclasse.
Aula 3	- Correção dos exercícios; - Divisão dos trios para trabalho em grupo.
Aula 4	- Confecção de perguntas e respostas para o <i>quiz</i> .
Aula 5	- Aplicação do <i>quiz</i> .
Aula 6	- Síntese expositiva; - Relato da experiência.

Fonte: Elaboração própria

9 - O conto Negrinha, de Monteiro Lobato, encontra-se no Anexo.

10 - O material utilizado foi custeado com financiamento próprio.

11 - O objetivo é dar foco às conjunções coordenativas, mas não se ignora a existência de outros elementos que promovem a coesão e a coerência.

AULA 01

ATIVIDADES PROPOSTAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TEMPO ESTIMADO
Apresentação inicial sobre a temática do conto “Negrinha” por meio de breve diálogo acerca do racismo e, em seguida, leitura do conto proposto.	Evidenciar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática do conto.	25 minutos.
Interpretação oral do texto.	Construir a compreensão global do texto lido, unificando e relacionando informações implícitas e explícitas do texto lido.	25 minutos.

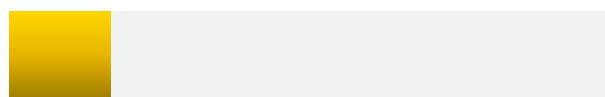
Fonte: Elaboração própria

Na aula 01, com o intuito de evidenciar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática do conto, estabeleceu-se um breve diálogo acerca do racismo. Perguntas como se alguém já havia visto (ou sofrido com) atitudes racistas foram feitas, e os alunos puderam livremente expor suas opiniões, experiências e impressões sobre o tema. Em seguida, o conto “Negrinha” foi lido e interpretado de forma oral pela pesquisadora. Durante a interpretação, os alunos também puderam explicar o que haviam entendido do texto e relatar suas impressões, citando, inclusive, que os maus tratos sofridos pela personagem principal do texto ainda hoje podem ser vistos, ainda que de forma menos ostensiva, mas não menos humilhante.

FATOS RÁPIDOS



44% dos alunos afirmaram que o texto literário foi abordado de forma superficial em sua formação escolar.



17% dos alunos afirmaram que o texto literário foi abordado de forma satisfatória em sua formação escolar.

AULA 02

ATIVIDADES PROPOSTAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TEMPO ESTIMADO
Discussão sobre aspectos relevantes no trato social os quais estejam presentes no texto, como é o caso da desigualdade racial.	Fomentar a compreensão da diversidade social e as formas de interação humana.	20 minutos.
Iniciação, de maneira dialogada, ao estudo da coesão sequencial (mais especificamente o valor semântico das conjunções coordenativas).	Incitar um conhecimento que é interessante possuir: a coesão nos textos falados e escritos.	20 minutos.
Envio de atividade extraclasse ¹² : exercícios sobre semântica das conjunções coordenativas.	Produzir significância e funcionalidade do novo conteúdo.	10 minutos.

Fonte: Elaboração própria

Na aula 02, a discussão sobre o racismo prosseguiu, e outros aspectos relevantes no trato social os quais estavam presentes no texto insurgiram. Questões como o trabalho infantil, a inocência e o desdém pueris, a hipocrisia de devotos religiosos que possuem uma prática distante da teoria que pregam, o estilo do autor com suas ironias fizeram parte da conversação estabelecida, podendo dessa forma, fomentar a compreensão da diversidade social e as formas de interação humana. Essas questões surgiram espontaneamente, já que não faziam parte do planejado. A seguir, o estudo sobre as conjunções coordenativas foi iniciado. Frases

do texto lido foram transcritas no quadro branco para análise do valor semântico das conjunções coordenativas. A partir das frases selecionadas, foi perguntado aos alunos qual o sentido que cada conjunção, previamente destacada pela pesquisadora, estabelecia naquele contexto.

As respostas foram variadas: algumas certas e outras nem tanto, mas o interessante foi perceber a linha de raciocínio seguida por eles. Alguns apontaram valores semânticos próximos, por exemplo: falaram em causa em vez de explicação, consequência em vez de conclusão. O estudo dos valores

12 - A atividade extraclasse ajuda a consolidar na mente do aluno aquilo que foi abordado em sala de aula, portanto é um recurso para melhorar o desempenho discente.

semânticos das conjunções subordinativas adverbiais seria, pois, um ótimo conteúdo para dar prosseguimento às aulas.

A partir dessa dinâmica, os alunos puderam perceber a importância do uso desses articuladores para produzir coesão e coerência em um texto. Após, o conteúdo foi sistematizado no quadro branco, conforme o Quadro 2, e, para fixar o que tinha acabado de

ser explicado, foi enviada uma atividade extraclasse sobre o valor semântico das conjunções coordenativas (vide Quadro 3) a fim de produzir significância e funcionalidade do novo conteúdo. A atividade extraclasse foi retirada de um dos livros constante na bibliografia básica da ementa de Português Instrumental.

Quadro 2 – Valor semântico das conjunções coordenativas

CONJUNÇÕES BÁSICAS	EXEMPLO	VALOR SEMÂNTICO	OUTRAS CONJUNÇÕES
E	A mãe abafava a boquinha criminosa da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal.	Adição / soma	nem (= e não), não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.
MAS	Ótima, a dona Inácia. <u>Mas</u> não admitia choro de criança.	Adversidade/contrariedade/oposição.	porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
OU	Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse <u>ou</u> não houvesse motivo.	Alternância	ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja, talvez... talvez.
POR ISSO	Não a calejara o choro da carne de sua carne, <u>por isso</u> não suportava o choro da carne alheia.	Conclusão	logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, assim.
PORQUE (QUE)	Sempre escondida, <u>que</u> a patroa não gostava de crianças.	Explicação	pois (antes do verbo), porquanto.

Fonte: Elaboração própria

Quadro 3 – Exercícios sobre o valor semântico das conjunções coordenativas

01 – Empregue uma das conjunções coordenativas, do quadro abaixo, de acordo com o sentido da frase.

portanto porque por conseguinte e entretanto mas ainda porém ou

- a) Vendeu seu carro _____ perdemos a carona.
- b) Ganhei o prêmio, _____ ainda não o recebi.
- c) Ou tomas banho cedo, _____ não sairás conosco.
- d) Acompanhe Júlia, _____ ela é novata aqui.
- e) Fez algumas anotações _____ esperou-me cheio de ansiedade.
- f) Ela não só fala bem, _____ escreve com criatividade e elegância.
- g) O secretário registrou as ocorrências na ata, _____ estávamos isentos de culpa.
- h) Durante a passeata, vi-os agitados, _____ a nova proposta os acalmou.

02 – As conjunções coordenativas, a depender do contexto, podem exercer diversos valores semânticos. No exercício anterior, cada conjunção empregada por você modificou o sentido da frase. Descreva, pois, a ideia expressa por cada conectivo dentro do contexto das frases.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____
- f) _____
- g) _____
- h) _____

Fonte: SARMENTO (2000, p. 312, adaptado)

Com a prática estabelecida nessas primeiras aulas, a turma experimental, assim como descreve Paulo Freire (2011), lembrando-se de fatos de sua infância, pôde aprender gramática de uma forma mais prazerosa, pois tudo “era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos” (FREIRE, 2011, p. 26). Ademais, tal qual o relato do filósofo, os alunos não tiveram que “memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação

profunda” (FREIRE, 2011, p. 26). Por meio do diálogo pré-texto, os alunos puderam, ainda, pensar sobre como atitudes racistas permanecem na sociedade e fazer uma leitura de mundo a partir de suas perspectivas para, só então, terem acesso à leitura do texto, correspondendo, portanto, às referências que Freire (2011, p. 29) estabelece: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura da palavra desta implica a continuidade da leitura daquele”.

AULA 03

ATIVIDADES PROPOSTAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TEMPO ESTIMADO
Correção dos exercícios e tiradúvidas.	Exercitar a coesão sequencial e a coerência textuais que contribuem para a construção de sentido e encadeamento do texto.	35 minutos
Divisão da turma em grupos de até quatro pessoas e explicação da atividade: a partir do conto da aula 01, cada grupo deverá confeccionar 04 perguntas (com suas respectivas respostas) sobre interpretação/ compreensão de texto e valor semântico das conjunções coordenativas.	Construir o conhecimento de forma coletiva.	15 minutos

Fonte: Elaboração própria

No primeiro momento da aula 03, o exercício que havia sido deixado como atividade extraclasse na aula anterior foi corrigido no quadro branco. Durante a correção, o conteúdo sobre os valores semânticos das conjunções coordenativas foi retomado, e os alunos puderam esclarecer as dúvidas. Assim, foi exercitada de forma produtiva a coesão sequencial e a coerência textual que contribuíram para a

construção de sentido e encadeamento do texto. Após, a turma foi dividida em trios para que se iniciasse o trabalho em grupo.

Optou-se pelo trabalho em equipe para que os alunos tivessem a oportunidade de construir o conhecimento de forma coletiva e interativa, de partilhar entre si os conhecimentos adquiridos; com a utilização da “mesma linguagem”, é possível que um

indivíduo tenha uma eventual dúvida sanada por meio da explicação de um colega. Ademais, essa configuração da turma é primordial para a etapa da aula 05, o *quiz*. A divisão dos grupos e a explicação da atividade proposta (a partir do conto da

aula 01, cada grupo teve de confeccionar 04 perguntas - com suas respectivas respostas - sobre interpretação/compreensão de texto e valor semântico das conjunções coordenativas) foram feitas no fim da aula 03.

AULA 04

ATIVIDADE PROPOSTA	OBJETIVO ESPECÍFICO	TEMPO ESTIMADO
Confeção das perguntas	Estimular a aprendizagem autônoma e participativa.	50 minutos.

Fonte: Elaboração própria

A aula 04 foi destinada exclusivamente para a confecção das perguntas e respostas as quais, posteriormente, foram utilizadas para o *quiz*. O objetivo foi estimular a aprendizagem autônoma e participativa, por isso poucas intervenções foram feitas por parte da pesquisadora. Somente quando algum trio apresentava qualquer tipo de dúvida e solicitava uma explicação da pesquisadora, era que esta se disponibilizava para ajudar. No mais, os alunos demonstraram bastante interesse em executar essa atividade. Segundo eles, era a primeira vez que um professor (neste caso sob a figura da pesquisadora) pedia para que eles elaborassem perguntas sobre o conteúdo visto em sala de aula, o habitual era somente eles responderem.

Esse fato remete ao que o pedagogo Rubem Alves (2007) descreve a respeito do fazer ciência. Para ele, é imprescindível que se estimule a prática do pensamento por meio do

enfrentamento de um problema, pois a tomada de consciência de um problema é que gera conhecimento. O padrão geralmente utilizado no sistema de ensino brasileiro é o professor fornecer as perguntas para o aluno responder sem considerar que

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que os nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? O que se testa nos vestibulares, e o que os cursinhos ensinam, não é simplesmente a capacidade para dar respostas? Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno (ALVES, 2007, p. 24-25).

AULA 05

ATIVIDADE PROPOSTA	OBJETIVO ESPECÍFICO	TEMPO ESTIMADO
Apresentação da atividade da aula anterior através de uma dinâmica de grupo: quiz a partir da confecção das perguntas e respostas dos alunos.	Socializar o trabalho executado por cada grupo e promover uma forma diferente para assimilação do conteúdo (interpretação/compreensão de texto e valor semântico das conjunções coordenativas).	50 minutos.

Fonte: Elaboração própria

A aula cinco foi reservada integralmente para a aplicação do *quiz*. Cada grupo se juntou em um espaço da sala, e as perguntas de cada equipe foram separadas e devidamente inseridas no saquinho de TNT. A cada rodada, as perguntas de um grupo foram sorteadas pelos demais para serem respondidas. As rodadas sucederam até que findassem as perguntas. Ganhou o grupo que acertou mais respostas. Durante a dinâmica, não foi permitida a consulta a qualquer tipo de material; os grupos “trocavam ideia” entre si para opinarem sobre a resposta “correta”. O *quiz* foi uma importante ferramenta para socializar o trabalho executado por cada grupo e promover uma forma diferenciada para assimilação do conteúdo (interpretação/compreensão de texto e valor semântico das conjunções coordenativas).

FATOS RÁPIDOS



83% dos alunos disseram concordar totalmente quanto à contribuição do *quiz* para a aprendizagem.



92% dos alunos disseram concordar totalmente quanto à ocorrência de uma aprendizagem mais significativa com a utilização do conto.

AULA 06

ATIVIDADE PROPOSTA	OBJETIVO ESPECÍFICO	TEMPO ESTIMADO
Elaboração de conclusão (com síntese expositiva) a respeito do que foi trabalhado nas aulas anteriores.	Potencializar a troca de experiências e conhecimentos entre os alunos através do relato deles para a elaboração da conclusão.	30 minutos.
Aplicação de novo questionário.	Avaliar a sequência didática elaborada e promover uma autoavaliação.	20 minutos.

Fonte: Elaboração própria

A última aula de aplicação da SD foi para a elaboração da conclusão do trabalho executado. Além de uma retomada, por meio de uma síntese expositiva, de tudo o que foi feito nas aulas anteriores, os alunos tiveram a oportunidade de potencializar a troca de experiências e conhecimentos entre eles mediante o relato da experiência vivenciada. Para findar as atividades, a própria pesquisadora aplicou o questionário semiestruturado póstumo com o intuito de os alunos avaliarem a sequência didática elaborada, promovendo, também, uma autoavaliação.

Com efeito, ao fim da aplicação da SD, ficou perceptível, pela mudança de postura frente aos problemas sociais que foram apresentados no texto e às discussões promovidas durante as aulas, que os alunos se envolveram com a arte da palavra, de modo que saíram transformados, estimulados, ou

como diria Silva (2010), deformados para o seio da sociedade. A respeito desse “desfazer-se discente”, Silva (2010, p. 9) atribui à literatura e à educação que “se encontram, e se entrecruzam, no interesse comum de formar, informar e, numa conotação plena de valores positivos, de-formar o cidadão, pois se trata de ‘deformá’-lo para uma participação ativa na sociedade”.

O processo de “de-formação” do cidadão pode ser promovido por intermédio de diferentes condutas, porém “ao apresentar uma visão míope, distorcida, esgarçada e opaca sobre a realidade, a linguagem literária, em vez de subtrair significados, acrescenta realidades suplementares com as quais a decodificação do mundo e das vivências históricas fica mais segura e compreensível” (MARTINS, 2018, p. 111-112). Partindo do princípio de que toda literatura é uma forma

de expressão da sociedade e de que a visão míope sobre a realidade posta no texto “obriga o leitor a se deslocar do comodismo de suas verdades” (MARTINS, 2018, p. 111-112), assegura-se que o cidadão que lê, tem seu caráter construído (não só, mas também) sob a influência das obras lidas e das reflexões que essas promoveram

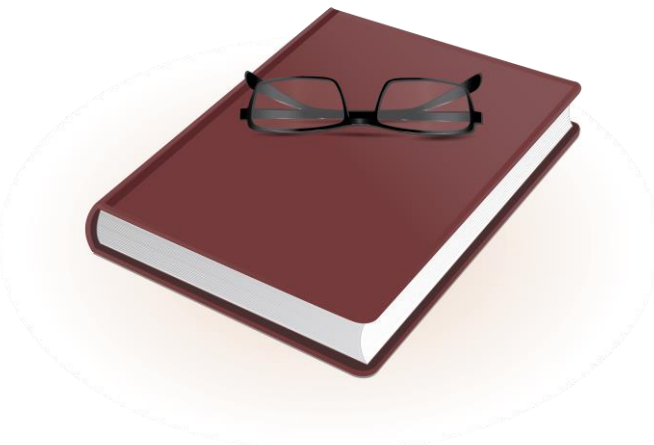
Para Candido (2004, p. 175-176), a experiência com a literatura não é inofensiva, mas sim uma aventura como acontece na

própria vida real, da qual ela é imagem e transfiguração, “isso significa que ela tem papel formador da personalidade”. A obra literária ensina o indivíduo a relacionar-se intra e interpessoalmente, promovendo autoconhecimento, empatia, enriquecimento pessoal e intelectual. Nas palavras de Candido (2004, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conto “Negrinha”, a tríade dos conteúdos proposta por Zabala (1998) foi abrangida nas aulas de Português Instrumental. Os alunos tiveram acesso ao conteúdo conceitual no momento em que conheceram as conjunções coordenativas e seus possíveis valores semânticos; ao conteúdo procedimental no momento em que exercitaram a empregabilidade das conjunções coordenativas e a compreensão dos mecanismos de sentido do texto a partir da elaboração de perguntas e respostas para o *quiz*, e ao atitudinal no momento em que refletiram sobre o racismo e a realidade social através da leitura e interpretação do conto.

Os alunos relataram que a aula ficou mais dinâmica com o *quiz* e a aprendizagem mais prazerosa; assim, ratifica-se o quanto é pertinente utilizar a leitura de conto – e de outros textos literários – para instigar o aluno, para fazer com que ele tenha condições de apreciar perspectivas diferentes da sua, promovendo não só o crescimento pessoal, mas também viabilizando o exercício da empatia. A literatura possui um caráter auxiliador na compreensão da realidade; experienciar os sentimentos, pensamentos e atitudes dos personagens faz com que os sentidos humanos sejam ampliados. Ao recriar a obra na leitura particular dos textos, o leitor



constrói significados, exercendo sua reflexão e facilitando a compreensão da diversidade social.

Desse modo, observa-se que o ensino de Português Instrumental a partir de texto literário em curso técnico concomitante é uma alternativa viável para proporcionar aos discentes uma formação integral com vistas à formação de profissionais competentes e cidadãos ativos em seu meio social. Outrossim, há uma atenuação da discrepância existente entre a Educação básica e a Educação profissional e tecnológica, com a abordagem de aspectos propedêuticos nas aulas desta.

Como fonte de inspiração, há no Apêndice uma relação de 11 (onze) textos literários que podem ser utilizados nas aulas de Português Instrumental a fim de provocar a criticidade nos alunos. Espera-se, portanto, que este guia pedagógico seja um estímulo para docentes da área de linguagens e código, principalmente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Filosofia da Ciência**. introdução ao jogo e a suas regras, São Paulo: Loyola, 12. ed., 2007
- CANDIDO, A. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas cidades, 2004.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. *In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (Orgs). Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOBATO, M. Negrinha. **Obras completas de Monteiro Lobato**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011
- MARTINS, A. **Entremeios**: ensaios sobre literatura, cinema e comunicação. Curitiba: Appris, 2018.
- MARTINS, M. F. **Ensino técnico e globalização**: cidadania ou submissão? Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- RAMOS, M. **Concepção do ensino médio integrado**. In: Fórum Eja, 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.ppd. Acesso em: 13 fev. 2007.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre, RS. Artmed, 1998.
- SARMENTO, L.L. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2000.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.
- SILVA, M. Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura. **Nau Literária, crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, jul/dez 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/14466/11687>. Acesso em: 20 set. 2017.
- SOARES, M. Português na escola – história de uma disciplina curricular. In. BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. pp. 141- 161.
- ZABALA, A. **A Prática Educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

BANCO DE SUGESTÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

Título	Autor	Gênero Textual	Alguns dos temas abordados
Um apólogo	Machado de Assis	Conto	Orgulho, vaidade, egoísmo, prepotência.
A cartomante	Machado de Assis	Conto	Triângulo amoroso, homicídio.
Herói na contemporaneidade	Fernando Chuí	Crônica	Diversas formas de exclusão social.
Mulher ao espelho	Cecília Meireles	Poema	Conflito existencial.
Retrato	Cecília Meireles	Poema	Passagem do tempo.
Os laços de família	Clarice Lispector	Conto	Relacionamento familiar.
Recado ao senhor 903	Rubem Braga	Crônica	Relacionamento interpessoal na atualidade.
O vampiro de Curitiba	Dalton Trevisan	Conto	Machismo, estupro.
A moça tecelã	Marina Colasanti	Conto	Feminismo
Venha ver o pôr do sol	Lygia Fagundes Telles	Conto	Feminicídio
Uma vela para Dario	Dalton Trevisan	Conto	Descuido, desprezo social, egoísmo, falta de empatia e caridade com o próximo.

ANEXO

NEGRINHA

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa.

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, patachoca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo.

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca

visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de

vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também...

Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca.

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida.

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. (Obras completas de Monteiro Lobato). 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

SOBRE OS AUTORES



Mestre em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (2019), Pós-Graduação Lato Sensu em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (2014), Graduação em Letras (Português-Inglês) pelo Centro Universitário Fluminense (2010). Atualmente, leciona Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação nas turmas de ensino médio na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro e Língua Portuguesa nas séries do ensino fundamental na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São João da Barra - RJ.



Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atualmente é Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) do Instituto Federal Fluminense, bem como da Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, atuando na linha de pesquisa "Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)". É pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens do Instituto Federal Fluminense com experiência em Letras e ênfase nas seguintes áreas: Tradição gramatical da Língua Portuguesa, Linguística Clássica, Linguística Histórica, História da Língua Portuguesa e Metodologia de Pesquisa

